

O CAMPO ENUNCIATIVO FEMINISTA NO INSTAGRAM: CRÍTICA DO PRESENTE E BIOPOLÍTICA

THE FEMINIST ENUNCIATIVE FIELD ON INSTAGRAM:
CRITIQUE OF THE PRESENT AND BIOPOLITICS

LIDIANE SANTOS DE LIMA PINHEIRO¹

BEATRIZ SOUZA ALMEIDA²

RESUMO

O artigo discute acerca da rede social Instagram como uma materialidade que se abre aos discursos feministas no espaço da virtualidade em um empreendimento que refrata os discursos do espaço presencial. A pesquisa visa demonstrar como o Instagram é configurado enquanto espaço heterotópico que refrata discursos feministas que emergem no espaço tópico e como esses discursos produzem um efeito de crítica do presente, alavancado pelo exercício da biopolítica. A discussão teórica que guia a problematização do tema é sustentada pela Análise do Discurso, no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos, sendo Michel Foucault a principal referência bibliográfica para o empreendimento das análises, em específico com as obras *O corpo utópico: as heterotopias* (2013), *A Arqueologia do Saber* (2008), *Segurança, Território, População* (2008b), *O que é a Crítica?* (2015) e *Microfísica do Poder* (1979). A metodologia utilizada centra-se no método genealógico de análise dos discursos, com a separação de regularidades discursivas de perfis feministas do Instagram. Os resultados da pesquisa apontam para o fenômeno da refração aplicado às Ciências da Linguagem no que diz respeito à configuração do espaço heterotópico, tangenciado para o efeito de pertencimento produzido pelo agrupamento de mulheres feministas no Instagram.

Palavras-chave: Instagram; Atualidade; Biopolítica; Discurso; Heterotopia.

ABSTRACT

*This article proposes a discussion about the social network Instagram as a materiality that opens itself to feminist discourses in the space of virtuality, refracting the discourses of the physical space. Therefore, the research aims to identify how Instagram is configured as a heterotopic space that refracts the discourses emerging in the topical space and how these discourses emerge, producing an effect of critique of the present, leveraged by the exercise of biopolitics. The theoretical discussion that leverages the problematization of the theme is supported by Discourse Analysis, within the scope of Foucauldian Discursive Studies, with Michel Foucault being the main bibliographical reference for the undertaking of discussions and analyses, specifically with the works *The utopian body: the heterotopias* (2013), *The Archeology of Knowledge* (2008), *Security, Territory, Population* (2008b), *What is Criticism?* (2015) and *Microphysics of Power* (1979). The methodology used focuses on the genealogical method of discourse analysis, with the separation of discursive regularities from feminist Instagram profiles and newspaper clippings. The research results point to the phenomenon of refraction applied to Language Sciences*

1 Professora Titular do Curso de Bacharelado em Relações Públicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens-PPGEL da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pós-Doutoranda Sênior com bolsa (Chamada CNPq No 32/2023) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas - Poscom/UFBA, sob supervisão do Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira. E-mail: lidicom@yahoo.com

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus I) - UFBA. E-mail: beatrizalmeida046@gmail.com

regarding the configuration of the heterotopic space, related to the sense of belonging produced by the gathering of feminist women on Instagram.

Keywords: Instagram; Present; Biopolitics; Discourse; Heterotopy.

Introdução

A configuração dos espaços e de como as mulheres se organizam neles, assim como qualquer forma de organização social e posicionamento público, é atravessada por relações de saber, exercício de poder, formas de sujeição e modos de governar e serem governadas. Mas como entender tal configuração e tais atravessamentos nos discursos feministas dos espaços on-line?

Para tal reflexão, selecionamos a rede social Instagram, pela sua relevância no contexto comunicacional brasileiro e, sobretudo, pela diversidade e profusão de discursos que emergem nesse espaço, constituindo tensionamentos e novas relações. Objetivamos refletir sobre como o Instagram é configurado enquanto espaço que refrata discursos feministas que emergem no espaço social urbano, a partir de ferramentas teóricas que permitam o rastreamento da emergência discursiva e da atitude crítica de dessujeição feminista em tal rede social digital. Para isso, selecionamos fotos de dez perfis feministas do Instagram que tematizam reivindicações concentradas no espaço social urbano, que serão analisadas, a partir das suas regularidades, à luz do conceito foucaultiano de heterotopia. Apesar da perspectiva feminista que direciona este artigo e da rica base bibliográfica latino-americana de epistemologias feministas, o primeiro passo da pesquisa, cujo recorte é aqui apresentado, partiu de contribuições dos estudos discursivos foucaultianos, por conta das questões então levantadas em torno dos modos de governo de si e dos outros e da heterotopia.

Segundo Foucault (2013, p. 24), “a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis”; isto é, uma heterotopia abre um novo espaço para que outros discursos e outras formas de existência se tornem possíveis, à medida que ocorre a aproximação ou o afastamento do espaço tópico em relação ao heterotópico. Outrossim, a seguir, traremos à baila os principais elementos teóricos que permitem a compreensão do Instagram como espaço heterotópico. Depois, apresentaremos as questões metodológicas da pesquisa, a partir de critérios arqueogenealógicos foucaultianos, a reflexão sobre a crítica do presente como dessujeição e, por fim, gestos de análise de perfis feministas do *Instagram* entre 2020 e 2021 no Brasil, que impulsionam a reflexão proposta neste artigo.

O Instagram: espaço heterotópico

O Instagram integra um aglomerado de redes sociais digitais que tiveram advento por volta dos anos 2000 no que Pierre Lévy (1998) chama de “ciberespaço”. Acentuando que o espaço virtual é tão real quanto os espaços “atuais”/presenciais, o autor define a gama das redes digitais como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das

memórias de computadores” (Lévy, 1998, p. 92). Embora Levy e outros autores tenham empreendido uma vasta discussão sobre o tema, e a compreensão das redes digitais como espaço seja conciliante com a nossa perspectiva, aqui não pretendemos nos fixar a ela, pois compreendemos o *Instagram* no bojo da formação dos objetos, como um espaço heterotópico onde podemos ser outras e estar alhures. Logo, investigaremos os discursos oriundos de sua materialidade sob esse prisma, conforme discutido por Michel Foucault (2013). Não apresentamos questões relacionadas à virtualização, interconexão ou inteligência coletiva, mas problematizamos como o Instagram tira a sujeita do espaço atual e a lança para um espaço em que as subjetividades podem ser outras. É, portanto, um outro espaço no qual se pode ser subjetivada. Esse espaço, aberto ao processo de subjetivação, serve não apenas a atos comunicativos, mas aos desdobramentos da linguagem que são constituintes dos sujeitos ou, o que mais nos interessa aqui, das sujeitas³.

Dessa visada, tomamos a noção de ciberespaço clivada para o Instagram a fim de dar-lhe uma nova roupagem, à luz dos estudos discursivos foucaultianos, e a partir disso constituir o objeto da pesquisa. Para tanto, recorreremos à *Arqueologia do Saber* (Foucault, 2008), a fim de estabelecer critérios e ferramentas para esta investigação. Um objeto, segundo Foucault, não guarda em si as relações estabelecidas entre as instituições, as normas, os processos sociais, os comportamentos, as subjetividades; não são essas relações que definem a constituição interna do objeto, mas são o que “lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, situar-se em relação a eles” (Foucault, 2008, p. 50). Desse modo, não pretendemos afirmar que é o *Instagram* em si que permite que as sujeitas e as instituições estabeleçam diferentes relações, mas que, através de determinadas regras de formação, a espessura histórica dessas relações pode ser apreendida e os discursos que ecoam e se materializam nesse espaço *ciber* heterotópico podem ser analisados.

Para trazer o Instagram à baila dos objetos do discurso, é preciso demarcar as “superfícies primeiras de sua emergência” (Foucault, 2008, p. 46), ou seja, desenvolver os estratos históricos que compõem e permitiram o seu surgimento. O Instagram surgiu no ano de 2010, impulsionado pela onda crescente de redes sociais digitais que visavam o compartilhamento de fotos e, rapidamente, tornou-se popular devido a sua interface e recursos como filtros, vídeos curtos, postagens instantâneas, etc. Nessas margens, o limiar de surgimento do Instagram é marcado pela heterotopia do corpo: fotografar e publicar-se fora do espaço que o corpo habita, circulando em um outro espaço, criando uma heterotopia de fora.

Contudo, não é o Instagram em si que inventa a heterotopia do corpo. Outras redes sociais já construíam um escopo para essa heterotopia. Assim, a eclosão do Instagram faz ecoar a espessura histórica digital que o precede. Genealogicamente, é possível apontar como estratos de surgência, por exemplo, o MySpace em 2003, Facebook e Orkut em 2004, Twitter em 2006, WhatsApp em 2008. Embora cada rede social digital desempenhe uma função e tenha se consolidado em matrizes distintas, em termos de discurso, tais redes compõem uma “grade de especificação” (Foucault, 2008, p. 47), ou seja, constitui os elementos que delimitam um campo do discurso.

3 Apesar de reconhecer um reducionismo no binarismo “sujeito/sujeita”, optamos por mantê-lo respeitando o conceito de sujeito, em Foucault, mas acrescentando ou focando o substantivo feminino, a partir do gesto de leitura feminista que atualiza a teoria foucaultiana.

O Instagram pode ser compreendido como espaço heterotópico, pois, via de regra, as heterotopias surgem com a necessidade de existir um outro lugar para o que não pode estar ali, isto é, são “contraespaços” (Foucault, 2013, p. 20), nos quais os sujeitos/as sujeitas podem ser outros/outras e se constituir diferentemente. É uma utopia real (e não ideal), um deslocamento em um espaço social alternativo, marginal em relação aos lugares instituídos, regido por normas próprias, que permite à sujeita/ ao sujeito experimentar certa liberdade. Entendemos que o Instagram refrata o espaço social urbano, como o movimento de aproximação e afastamento do espaço tópico pelo heterotópico.

Na Física, a Refração da Luz, ou Lei de Snell-Descartes, atesta a relação entre o ângulo de incidência e o ângulo de refração quando a luz passa de um meio transparente para outro. Conforme Vicente e Silva (2024, p. 2), “a razão entre o seno do ângulo de incidência e o seno do ângulo refratado é uma constante”. Desse modo, a refração trata de um fenômeno óptico que demonstra o comportamento da luz ao mudar o meio material no qual ela se propaga.

Ao trazeremos a noção de refração para a Linguagem no Instagram, referimo-nos ao comportamento e à configuração dos discursos quando emergem no espaço tópico e incidem no espaço heterotópico. À medida que o Instagram abre um outro espaço para que determinados discursos circulem, ele evoca um funcionamento próprio para a circulação dos discursos que residiam no espaço tópico. Assim, tal rede não reflete simplesmente, mas faz ver existentes reais a partir de ângulos que os tornam (ou os fazem parecer) outros.

Nessa esteira, o Instagram se constitui como heterotopia para a sujeita feminista, pois a tira do seu lugar comum e a joga em um lugar outro, justapondo um lugar a outro, criando para o corpo a possibilidade de estar lá, em uma configuração geográfica que se estende ao infinito e invade os campos do discurso que só poderiam estar aqui. Isto é, a configuração heterotópica do Instagram permite à sujeita o alastramento de seus dizeres, seu corpo, suas formas de existência, em um continuum da história que se abre ante um espaço que, geograficamente, não está aqui, mas que se desdobra na realidade.

Por lançar a sujeita em um espaço alhures, regido por novas regras, mas com uma face de liberdade que lhe permite mostrar-se visual e textualmente ou criar uma simulação de si, o Instagram produz o alastramento da linguagem e das subjetividades em sua configuração heterotópica. Então, enquanto heterotopia, o Instagram remodela a subjetividade para inscrevê-la em outro domínio, o domínio de um mundo alternativo projetado como possível e dado; uma utopia realizada e registrada na indicialidade da imagem fotográfica. Assim, os discursos oriundos do espaço tópico são refratados no espaço heterotópico sob uma configuração que é passível de ser verificada através do campo em que ele se constitui.

Metodologia

As histórias dos discursos se constroem através da descontinuidade, da dispersão. É na dispersão dos discursos que é possível capturar a emergência de um objeto, a urgência de um determinado saber, o momento em que um acontecimento irrompe à superfície e se insere no jogo das relações discursivas. Foucault nos diz em sua Arqueologia que “é preciso estar pronto

para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos [...] Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (Foucault, 2008, p. 28). É preciso apreender os discursos em sua emergência na atualidade e investigá-los à luz não de uma origem, mas das condições de possibilidade que permitiram, ao longo da história, que esse discurso emergisse. Analisar os discursos no jogo de sua instância trata-se, portanto, de estabelecer critérios arqueogenealógicos de investigação, de modo que o método faça aparecer as condições históricas de existência de um determinado objeto.

A arqueologia seria “o método próprio de análise das discursividades locais”, ou seja, das regras que organizam os discursos, enquanto a genealogia seria “a tática que faz intervir, a partir das discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem”, conforme instruiu Foucault (1999, p. 16). A arqueologia questiona a vontade de verdade que os discursos operam e a genealogia evidencia os campos de batalha, as relações de força nos quais os saberes são veiculados. Deste modo, a arqueogenealogia propõe uma articulação com um método de análise das discursividades que permite sua diagnose, à medida que é possível intervir nessas discursividades a partir de uma proveniência histórica – genealógica.

A genealogia da proveniência, que Foucault discute a partir de sua leitura de Nietzsche, é geralmente tratada sob a noção do pertencimento, isto é, das marcas históricas que unem um determinado grupo, uma comunidade, uma raça, mas ainda sob o viés da busca da “origem”. Contudo, Foucault argumenta que a genealogia da proveniência não busca elevar os acontecimentos ou aprisioná-los no prisma da linearidade, mas justamente apreender, na emergência em que os acontecimentos irrompem à exterioridade, as marcas sutis e singulares que fizeram pulular um determinado discurso.

A emergência dos discursos, genealógica e historicamente tratada, é “a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam nos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude” (Foucault, 1979, p. 24). Nessas linhas, ao tomar um objeto do discurso a fim de estudá-lo em sua genealogia, não se pretende estabelecer um fio único e corrente para apontar como ele pôde surgir na história, mas sim, mostrar nos desvios, nas falhas da continuidade, o que se produziu diferentemente no interstício.

Delimitamos os recortes a fim de mostrar como essas regularidades produzidas na dispersão resgatam historicamente a proveniência dos discursos e alicerçam os saberes em uma dada formação discursiva. Para a organização do *corpus* da pesquisa, dispomos as materialidades considerando as regularidades entre elas. As regularidades, neste sentido, são separadas pelo tipo de enunciado ao qual se vinculam, de modo que séries distintas apresentam também um sentido distinto para que sejam analisadas e problematizadas. No breve recorte que apresentaremos aqui, o critério utilizado foi o da repetição de uma forma de enunciar as manifestações empreendidas por mulheres feministas nas publicações oriundas do *Instagram*.

Para a formulação de como se constitui uma série enunciativa a partir do *corpus*, Michel Foucault (2008, p. 11) aponta que é preciso “determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre as diferentes séries”. Isso quer dizer que, entre as formações discursivas identificadas no *corpus*, coexistem regularidades que reúnem as diferentes séries em um quadro discursivo (Milanez, 2014, p. 14). Aqui as séries são compostas a partir de recortes das publicações, considerando-se os elementos de fragmentos de imagens estáticas, amparadas, por vezes, pela materialidade textual, mas os recortes das publicações alternam entre os perfis. Assim, uma

série pode ser constituída por diversas publicações de vários perfis, mas não necessariamente de todos simultaneamente, pois o que faz valer as análises de uma série é a regularidade de um discurso que coexiste entre as diferentes materialidades e a função enunciativa desempenhada por cada uma.

O campo enunciativo feminista

Que a história é constitutiva de quem somos no presente não é novidade ou sequer pode-se dizer que somos algo novo em relação à história que nos marca. Para evocar Foucault (2009), fazendo um deslocamento de sua própria discussão, o novo não está no que fazemos de nós, mas no acontecimento que entorna o que podemos fazer de nós mesmas. Nessas linhas, a forma como nos constituímos e nos conduzimos no presente deve sempre ser pensada e entendida a partir da irrupção de acontecimentos que transformam as atitudes possíveis e os modos de governar e sermos governadas. Nesse sentido, fazer uma análise de discursos é um modo de diagnosticar a história do presente e, com Foucault (2015), questionar o que somos enquanto fazendo parte dessa atualidade. Sobre a necessidade de seguir a esteira do acontecimento, o filósofo francês explica:

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas *uma relação de forças que se inverte*, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. *As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta* (Foucault, 1979, p. 28 – grifos nossos).

O acontecimento não deve ser entendido meramente como uma ocorrência determinada na história, mas como o resultado das relações produzidas a partir de jogos de poder – relações que se inserem no campo do discurso retomando enunciados e produzindo condições de possibilidade para a emergência de outros discursos. Essas relações retornam à história através de uma gama de saberes marcados pela força da dessujeição, ou seja, da luta pela “insurreição dos saberes dominados” (Foucault, 1979, p. 170).

A dessujeição é o que insere o discurso no bojo da genealogia crítica. Os saberes dominados são “os blocos de saber histórico que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos e que a crítica pode fazer reaparecer” (Foucault, 1979, p. 170). Nesse sentido, fazer o diagnóstico do presente, analisando os modos como as sujeitas feministas se conduzem, demanda o levantamento dos saberes locais que são evocados em dadas formações discursivas.

Nessas linhas é que a crítica funciona como um meio de dessujeição dos saberes enraizados e alocados em determinados campos do discurso. Michel Foucault discute a crítica, ou a atitude crítica, a partir de uma ancoragem histórica dos modos de ser governado. Segundo ele, a crítica “[...] é o movimento pelo qual o sujeito se outorga o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder e o poder sobre os seus discursos de verdade; a crítica seria assim a arte da insubmissão voluntária, a da indocilidade refletida.” (Foucault, 2015, p. 35). Assim, enquanto é

possível mobilizar a história genealógica dirigida para a emergência do acontecimento que estabelece relações com as formas de governar os sujeitos/as sujeitas, fazer a crítica do presente é dessujeitar os saberes cristalizados no bojo dessas relações e dessas formas de governar.

É no rastro dessa atitude crítica, nas formas outras de se governar, nos modos de desobedecer às instituições que as feministas se inserem. O feminismo como um agrupamento social, por si só, já mobiliza uma desobediência. Aliás, como lembra Rosalia Perez (2015, p. 154, tradução nossa), “o Sufragismo é o primeiro movimento social que pratica a desobediência civil utilizando o corpo”. Na série enunciativa a seguir (FIG.), buscaremos trazer à baila de discussões sob quais condições e de quais formas as mulheres desobedecem a um governo através de uma atitude crítica, ou seja, por meio da identificação com o movimento feminista e as mobilizações empreendidas por elas. Nesse sentido, o campo enunciativo do ativismo é o ponto de ancoragem no qual buscaremos mostrar a clivagem das relações discursivas e a envergadura em seus modos de se conduzir.

Figura – Série enunciativa do ativismo





Nessa série enunciativa, as mulheres aparecem em agrupamentos no contexto de reivindicações durante os anos iniciais da pandemia de Covid-19 e do Governo Bolsonaro. As fotos desses agrupamentos desviam o sentido da subjetividade que se alocaria em sujeitas distintas e revelam uma subjetividade de grupo, um aglomerado de subjetividades que produzem um efeito de pertencimento. Por raciocínio semelhante, metodologicamente, não tomamos as imagens apresentadas para análise individualizada, pois o que interessa é o funcionamento do discurso que coexiste entre as materialidades apresentadas.

É preciso aqui evocar o entendimento genealógico das subjetividades e dos corpos dessas sujeitas para que o efeito de pertencimento ao grupo seja alavancado. No agrupamento dos corpos, há uma dissociação da suposta individualidade, que acaba por dissolver, diluir ou esva-ziar o sentido de subjetividade. Nesses termos, as sujeitas não aparecem evocando um lugar para *si* nessa série, mas para a coletividade, que é o que faz emergir o campo enunciativo do ativismo político.

Foucault aponta, em *A Arqueologia do Saber*, que um campo enunciativo compõe-se de formas de coexistência entre os enunciados, por um campo de presença, de concomitância, compreendido a partir de um domínio de memória. Isso quer dizer que os enunciados emergem em determinada materialidade em compatibilidade com enunciados que surgem em outras mate-rialidades. Nessas linhas, o campo enunciativo do ativismo político que emerge no Instagram dessas mulheres constitui-se por discursos que são empreendidos por uma espessura histórica das sujeitas, ou seja, pelo modo como percebem a si, como subjetividade coletiva, na presentifi-cação da história. Desse modo, o atravessamento político e coletivo nas subjetividades dessas sujeitas do discurso, alocado na heterotopia do Instagram, enverga de um campo enunciativo que faz funcionar o discurso do feminismo na história.

É, nesses termos, que o agrupamento dos corpos dessas mulheres, suprimindo uma ideia de *eu* em detrimento de um *nós*, figura para o entendimento de pertencimento à luz da iden-tificação com o movimento feminista e em reação à biopolítica. A biopolítica, conforme dis-cutida por Michel Foucault (1999), trata do exercício de um poder soberano sob a população ou grupos específicos.

O exercício da biopolítica é direcionado de maneira mais severa para grupos ou parcelas da população que não obedecem a uma norma estabelecida; para sujeitos/sujeitas que, em uma sociedade que busca hegemonia, mostram-se desviantes. Desse modo, via Estado e instituições que exercem domínio sob os modos de os sujeitos/as sujeitas se conduzirem, o exercício da biopolítica passa a ser regulador dos modos de vida ou, em estado mais extremo, faz viver uma determinada parcela da população que atende as normas institucionalizadas, enquanto deixa morrer a parte da população que não obedece.

A operacionalização da biopolítica no Brasil se deu, por exemplo, durante o governo Bolso-naro, para citar um caso em específico, ao negar o envio de oxigênio para o Amazonas durante a pandemia. Na ocasião, o então presidente Jair Bolsonaro disse não ser atribuição do governo federal prover oxigênio para o estado, que estava em caso de calamidade com a superlotação nos hospitais⁴. Desse modo, o Estado, representado pelo presidente, que deveria promover políticas de enfrentamento para a crise na saúde e garantir a sobrevivência da população, optou pelo

4 Informação veiculada no portal G1 (2021).

“fazer morrer”. Esse “fazer morrer” é um mecanismo do biopoder e, assim, a biopolítica funciona como uma estratégia de extermínio⁵.

À vista disso, as mulheres, como todes, estão sujeitas a uma biopolítica pelos modos de governo que lhe são impostos, mas resistem a essas formas de governo nos espaços que ocupam, como o *Instagram*. As publicações que circulam na heterotopia do *Instagram* situam o momento da história e a forma de governo a que elas estavam resistindo. Os ecos da resistência a esse governo e à biopolítica de morte se fazem perceber pelos enunciados das faixas e bandeiras na série enunciativa em questão (Fig. 1): *Marielle Vive*, *Somos Todxs Marielle*, *Fora Bolsonaro*, *Ban-cada Feminista*, *Ditadura Nunca Mais* e a *#Paremdenosmatar*. Esses dizeres evocam um discurso que não está somente na superfície em que ele emerge, pois demonstra a espessura histórica de onde provém o movimento de resistência.

A expressiva redução orçamentária no recurso previsto para o enfrentamento da violência contra a mulher durante o governo de Jair Bolsonaro e o aumento significativo nos registros de violência sexual e feminicídios⁶ ecoam na reivindicação dessas mulheres, que não suportam a negligência do governo ante à violência e a denunciam. A estampa em suas camisas e faixas faz ler o grito *ForaBolsonaro* e a linguagem do espaço virtual é levada para as ruas, na *hashtag #Paremdenosmatar*, como forma de circular e estimular o enfrentamento da violência que partia do próprio presidente, em falas como: “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”⁷.

O *Instagram* como espaço heterotópico, então, não é uma simples extensão do tópico, na medida em que as manifestações de rua, de alguma forma, amoldam-se à lógica midiática para amplificar seu alcance – não apenas em possíveis fotografias de jornais, mas, sobretudo, nas prováveis postagens das participantes dos eventos. As formas de resistência são registradas e modelizadas para a circulação em um recorte espaço-temporal esgaçado, que não se limita ao aqui e agora do ato social urbano, mas se prolonga livremente nos compartilhamentos das redes sociais digitais.

Em *#Paremdenosmatar*, aparece a consciência do biopoder, da espessura do discurso de violência cingida aos corpos das mulheres através do feminicídio – uma violência normatizada em muitos períodos da história, a exemplo da Ditadura Militar, que também é colocada no caminho da resistência pelos dizeres *Ditadura Nunca Mais* dos cartazes.

Em uma das fotografias em destaque, a grande faixa com a frase *Marielle Vive*, mais do que rememorar, projeta a vida de Marielle na vida daquelas mulheres que se põem no caminho oposto da política de morte instaurada pelo governo. Marielle vive, nesses termos, nas vidas dessas outras sujeitas que fazem eco à sua voz tão violentamente calada. Em outra faixa, a afirmativa de que *Somos Todxs Marielle* produz um efeito de identificação das enunciatóricas com Marielle, na medida em que agora reivindicam em seu nome, independente de se identificarem como mulheres ou não, já que o X da palavra *Todxs* marca uma inclusão de pessoas não-binárias que também se aliam à causa.

5 A configuração da biopolítica clivada para o corpo e o fazer morrer da população durante a pandemia a partir de ações (ou falta delas) pelo governo Bolsonaro foi mais amplamente discutido no artigo publicado por Milanez e Almeida (2021).

6 As informações detalhadas sobre essa redução orçamentária e índices de violência podem ser conferidas em reportagem veiculada pelo Jornal Carta Capital (Zigoni, 2024).

7 Fala proferida por Jair Bolsonaro em entrevista concedida ao portal Zero Hora (Chagas, 2022).

Nessas linhas, a subjetividade feminista dessas mulheres, marcada pelo ativismo, não deixa de evocar a história e um lugar na política, seja pela própria invocação de Marielle enquanto figura política, seja pela reivindicação de um *Fora Bolsonaro* ou pelo requerimento de uma “bancada feminista” própria. A identificação entre essas mulheres para a união em um movimento ativista atravessa as esferas da interseccionalidade (Gonzalez, 2020), à medida que mulheres brancas, negras, indígenas e transexuais se aglomeram em prol de uma reivindicação que é coletiva, com ressalvas, claro, às singularidades de cada subjetividade. Essa rede de identificação, isto é, o laço de pertencimento estabelecido entre os diferentes grupos de mulheres revela o empreendimento de um autogoverno de si em um gesto de insubmissão pela atitude crítica (Foucault, 2015).

Dessa forma, o exercício da biopolítica sobre as mulheres é subvertido por elas no exercício de *ousar saber*. O exercício do poder soberano, então, declina em detrimento da coletividade calcada no pertencimento social. Através dos modos de governar-se, de as mulheres conduzirem suas vidas, instaura-se um processo de dessujeição dos saberes alocados.

Considerações finais

Enquanto no espaço tópico impera uma determinada forma de governar as sujeitas através da repressão, de violência física, de cerceamento, no espaço heterotópico as formas de governo são outras, muito embora nele não se esteja livre também da repressão, do cerceamento, das violências.

Um espaço não desaparece em detrimento do surgimento de outro, mas as características de um deslizam para o outro, respeitando as devidas diferenças, no efeito de refração da linguagem. Sem adentrar na discussão sobre algoritmos ou sobre o domínio capitalista desse espaço, que fogem à problemática deste artigo, quando as mulheres ocupam o *Instagram* para suas reivindicações contra o patriarcado e a violência por elas sofridas, espera-se que a refração de manifestações coletivas ocorridas nos espaços tópicos tenha o efeito potencial de amplificação (e talvez unificação) da luta feminista.

Outrossim, enquanto o poder soberano exercido pelo Estado regula os espaços físicos de reivindicação dessas sujeitas, margeando-as, o espaço digital se desdobra como possibilidade e se abre em sua heterotopia para alavancar os discursos de resistência, embora também se abra a discursos de violência. Em um efeito de deslizamento, os dizeres nas camisetas, faixas e bandeiras que foram levadas às ruas são empreendidos a partir de uma linguagem que é domínio do espaço virtual. O uso das *hashtags*, das frases curtas de efeito, do x marcando uma neutralidade no gênero, situa discursivamente o *Instagram* como outro espaço para as reivindicações, configurando-o na heterotopia do desvio, um lugar onde os discursos feministas podem circular e batalhar com os discursos de ódio que também o habitam.

Não pretendemos afirmar que a refração nos modos de olhar e de enunciar a si seja um processo conscientemente configurado na rede digital, mas, por se tratar de uma produção de linguagem, os efeitos de sentido produzidos podem ser investigados e devem ser analisados. Ponderar sobre o presente, principalmente considerando as formas de governo às quais estamos sujeitas, e agir ativamente sobre elas, como as mulheres do recorte da nossa pesquisa fizeram ao se posicionar sobre a pandemia e o feminicídio, nos faz atuar criticamente na sociedade, conforme impelia Foucault e, a partir das especificidades do contexto latino-americano contemporâneo, impelem autoras feministas como Lélia Gonzalez (2020), entre outras.

Referências

- CHAGAS, Inara. Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres. *Brasil de Fato*, 08 mar 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres> Acesso em: 27 mai. 2024.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *O Corpo Utópico, as Heterotopias*. São Paulo: n-1, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inicial no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *O que é a Crítica? seguido de A Cultura de Si*. Lisboa: Texto e Grafia, 2015.
- G1. BOLSONARO diz que não é atribuição do governo levar oxigênio para o Amazonas. *G1*, 30 jan 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/30/bolsonaro-diz-que-nao-e-atribuicao-do-governo-levar-oxigenio-para-o-amazonas.ghtml> Acesso em: 27 maio 2024.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções, diálogos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- MILANEZ, Nilton. Foucault e o Cinema: para uma breve arqueologia das imagens em movimentos. In: PIOVEZANI, Carlos; CURSINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). *Presenças de Foucault na Análise do Discurso*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014, p. 125-143.
- MILANEZ, Nilton; ALMEIDA, Beatriz. Corpo e experiência de nós mesmos: sobre o Diário Foucaultiano de Quarentena do Labeledisconna pandemia. *Heterotópica*, v. 3; n. 1, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/59264/31830> Acesso em: 27 mai. 2024.
- PÉREZ, Rosalia Romero. Desobediencia civil, feminismo y cuerpo. *Investigaciones Feministas*, v. 6, 2015. P. 153-171.
- VICENTE, Isabella; SILVA, Saulo da. A natureza quântica da luz e a lei de Snell-Descartes. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 2024, v. 46.
- ZIGONE, Carmela. 8M 2024: orçamento e direitos das mulheres brasileiras. *Carta Capital*, 08 mar 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/8m-2024-orcamento-e-direitos-das-mulheres-brasileiras/> Acesso em: 27 maio 2024